

## ARTISTAS VISUAIS AFRO-ARACAJUANOS NO SÉCULO XXI E SUAS INFLUÊNCIAS AFRO-DIASPÓRICAS

Aíla Cristhie dos Santos Cardoso<sup>1</sup>  
Ighor Galindo Amâncio<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente estudo pretende realizar uma pesquisa acerca das artes visuais negras em Aracaju no século XXI, com o intuito de mapear os artistas negros visuais do município e as suas influências afro-diaspóricas. Como a escrita e realização desse projeto parte de uma artista visual negra, acionamos a *escrevivência* (Evaristo, 2021) como ferramenta de produção do texto. Com isso, foi realizado um mapeamento dos artistas negros - a fim de discutir suas dificuldades e influências na arte e fomentar um debate acerca das artes visuais afro-diaspóricas, a partir de autores como Stuart Hall (2013), Abdias Nascimento (2018) e Kabengele Munanga (2020). O objetivo foi evidenciar os artistas negros aracajuanos, mapear esses artistas para servir como base para projetos do campo da cultura, e combater o racismo e o epistemicídio (Carneiro, 2005) através da pesquisa e do estudo das artes visuais negras.

**Palavras-chave:** artes visuais, artistas negros, afro-diáspora, artes negras, cultura afro.

### Introdução

A concepção do projeto surgiu a partir da experiência pessoal de artista negra, compositora desse projeto, e da dificuldade que observa que a classe artística e negra vivencia diante da sociedade e do racismo. Como ponto de partida para essa escrita, acionamos o conceito de “*escrevivência*” da autora Conceição Evaristo (2020), sendo uma forma de escrita diaspórica de mulheres negras com pretensão de contar histórias a partir das nossas vivências e de denunciar o passado injusto. Assim, compreendemos sua história nas artes visuais como um território de vivências que fundamentam também a importância de abordar o tema dessa pesquisa, os Artistas Visuais Negros em Aracaju.

Essa pesquisa foi apoiada pela Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar n.º 195, de 08 de julho de 2022) a partir da Prefeitura Municipal de Aracaju, em 2024, pelo edital n.º 009/2023. Esse artigo então faz parte de uma das formas de divulgação do estudo. Assim, a pesquisa dos artistas visuais negros em Aracaju, ao mesmo tempo que traz um recorte regional do Nordeste do Brasil, também oferece uma perspectiva de

---

<sup>1</sup> Artista e Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PÓSCOM/UFBA), [cristhieaila@gmail.com](mailto:cristhieaila@gmail.com)

<sup>2</sup> Escritor e Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe, [ighoramancio@gmail.com](mailto:ighoramancio@gmail.com)

valorização da arte negra periférica, muitas vezes invisibilizada no contexto maior das artes nacionais. Essa busca por compreender a produção artística negra em uma cidade específica, como Aracaju, capital do menor estado do país, reforça a ideia de que as vivências de um grupo não podem ser dissociadas do espaço social e cultural onde se desenvolvem, seja no campo da arte, cultura, ou em outras áreas do conhecimento.

Portanto, a ideia é que, por meio da pesquisa, esse patrimônio artístico seja documentado e referenciado, a fim de combater o epistemicídio (Carneiro, 2005) e preservar a memória afro-aracajuana, além da importância da divulgação desses artistas e obras, como também da pesquisa. Por fim, o estudo também pretende identificar as influências afros presentes nas obras dos artistas negros de Aracaju e abordar esse vínculo diaspórico que conecta o Brasil com o continente africano.

A valorização dos artistas negros é uma questão histórica que precisa ser abordada para que haja um fortalecimento da diversidade dentro do campo artístico. A arte, como forma de expressão cultural e social, sempre foi um meio de resistência e de afirmação de identidade para os povos afrodescendentes. No entanto, artistas negros frequentemente enfrentam a marginalização em espaços artísticos hegemônicos, em que suas obras e suas histórias são silenciadas ou sub-representadas. Assim, essa pesquisa tem como maior referência o Projeto Afro<sup>3</sup>, que realiza um mapeamento dos artistas negros no Brasil, oferecendo visibilidade a um segmento artístico silenciado.

A nossa proposta de mapear e divulgar esses artistas visa não somente aumentar sua visibilidade, mas também proporcionar uma base que possa ser utilizada para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas à cultura, além de fortalecer a representação, a diversidade e as identidades afro-diaspóricas no campo das artes visuais. O estudo também pretende destacar as influências dessas tradições culturais da afro-diáspora na produção artística local, dando voz a um segmento de artistas que trazem em suas obras a herança de suas origens africanas e as transformações por elas passadas nas Américas.

## **Fundamentação teórica**

Entendemos ser necessário construir a história dos negros em uma perspectiva diaspórica e do atlântico negro (Gilroy, 2001), pois, mesmo que a população negra tenha

---

<sup>3</sup> Projeto Afro, disponível em: <https://projetoafro.com/>. Acesso em 14 de abril de 2025.

sido migrada, forçadamente, em navios negreiros para territórios diferentes, suas práticas e conhecimentos da diáspora (Hall, 2013) tem origens e continuidades em comum. Por exemplo, nas artes visuais, “o encontro das artes visuais no processo da diáspora negra se dá em rodas e em encruzilhadas de campos (artísticos, espirituais, acadêmicos...) de conhecimento e de processos (de pesquisas, de vivências, de criações...) que se conectam e que fluem (ou submergem) no território do Atlântico Negro” (Oliveira, 2024, p.177). Além disso, me interessa pensar em um “tronco familiar africano em comum” (Nascimento, 1980) a fim de observar as linguagens, saberes e histórias dessas artes visuais negras afro-diaspóricas. Por conseguinte, as compreensões acerca da diáspora e do atlântico negro, contribuem para que as histórias das populações negras sejam pensadas em uma perspectiva para além do local, e prezam por uma ótica relacional afro.

Stuart Hall (2013) fortalece uma perspectiva de como são construídas essas identidades diaspóricas, que não são mais somente ligadas ao seu local de início, elas são múltiplas em povos, culturas e vivências. No entanto, Hall alerta que, “esse resultado híbrido não pode mais ser facilmente desagregado em seus elementos ‘autênticos’ de origem” (2013, p.31), pois apesar das multiplicidades dessas identidades, as origens dessas culturas não podem ser silenciadas. Assim, como explica Alan Oliveira: “As culturas que estruturam-se pelos povos africanos, inauguraram maneiras próprias, dentro dos caracteres gerais da arte em outros territórios fora do continente africano. Podemos situá-las nas invenções da diáspora como sugestões descolonizadoras” (2024, p.176).

O primeiro artigo acerca das artes negras do Brasil — expressão já utilizada por outros pesquisadores de artes visuais, a qual opto utilizar nesta pesquisa — foi publicado em 1904, por Nina Rodrigues, na revista *Kosmos*, intitulado “As Belas Artes nos Colonos Pretos do Brasil”. Em seguida, posteriores estudos, sobre a arte negra brasileira, foram elaborados, geralmente por pesquisadores brancos, por exemplo: Clarival do Prado Valadares (1968), Marianno Cunha (1983), Emanuel Araújo (1988) — criador do Museu Afro em São Paulo.

Por isso, destaco a importância desta pesquisa ser produzida e referenciada por artistas e estudiosos negros, sendo uma forma de combate ao epistemicídio, que Sueli Carneiro (2005) define como:

Uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural

que, em outros casos, lhe é imposta. Sendo um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemicídio se efetiva, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores racialmente (2005, p.73).

Aqui explano passagens de dois pesquisadores negros que se debruçaram sobre artes negras no Brasil, Kabengele Munanga (2004, 2019) e Abdias Nascimento (2019). Abdias Nascimento, que também era artista, protestava sobre a arte negra no Brasil ser representada em estudos e exposições no Brasil e no exterior apenas por artistas brancos (1980). Ele explica a arte negra como:

Arte negro-africana na diáspora, enquanto marginal em relação à arte santificada pelas sociedades locais, simultaneamente mantém as características ditadas pela história, pelo ambiente e pelas culturas dos respectivos países escravocratas. Nunca deixa, porém, de conservar temas, formas, símbolos, técnicas e conteúdos africanos em sua função revolucionária de instrumento de conscientização. Sua essência é uma parte vital da criatividade africana (Nascimento, 2018, p.50).

Para Kabengele Munanga (2020), a arte afro-brasileira tem uma relação intrinsecamente espiritual e ancestral, assim, é preciso que ela pertença ao “núcleo de sua existência”, de fato, para que a sua cultura não seja esquecida e sim continuada:

Para que os elementos culturais africanos pudessem sobreviver à condição de despersonalização de seus portadores causada pela escravidão, deveriam ter, a priori, valores mais profundos. A esses valores primários - considerados uma continuidade - foram acrescidos novos valores que emergiram do novo ambiente (Munanga, 2020, p.7)

Concordando com o pensamento de Abdias Nascimento (2018), segundo Munanga (2020), a arte afro-brasileira nasce das religiões e culturas de matriz africana, “uma arte sem dúvida religiosa, funcional e utilitária” (2020, p.11). Bem como está relacionada com os metais e materiais utilizados para o trabalho e sobrevivência no país. Assim, ele explica que o surgimento dessa arte, “a primeira forma de arte plástica afro-brasileira propriamente dita é uma arte ritual, religiosa. Seu nascimento seria difícil de datar por causa da clandestinidade na qual se desenvolveu (Munanga, 2020, p.13).

Kabengele, ainda, explana o apagamento da arte afro-brasileira no período colonial, por meio de um silenciamento sistemático, “pelo grande público, mundo erudito, historiador, crítico de arte, sociólogo ou antropólogo” (Munanga, 2020, p.13). Em outro texto do autor, ele vai retratar essa exclusão da arte negra na história:

Por muito tempo, a arte negro-africana ficou excluída da história universal de arte tal como foi ensinada na Europa. Considerada primitiva como os povos que a produziram, pensava-se, de acordo com o esquema evolucionista do século XIX, que esta arte ainda se encontrava na fase infantil representada pela forma figurativa e que podia evoluir até chegar um dia à fase adulta representada por uma arte intelectual geométrica e abstrata, fase em que se encontrava a Europa “civilizada (Munanga, 2005).

Diante desse apagamento da arte negra ou afro-brasileira na história do país, e me valendo dos questionamentos do artista Elian Almeida (2020), que expõe em sua obra: “a arte contemporânea é negra”. Como também de Milton Santos (2022, p.55): “Ao se considerar a periodização linear e homogênea da história da arte sequenciada mediante a sucessão de estilos e movimentos artísticos, a arte afro-brasileira é contemporânea”. Para Stuart Hall, essa abrangência da cultura negra, na atualidade, “é também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural” (2013, p. 376).

Desse modo, esta pesquisa visa pensar os artistas negros aracajuano do século XXI, assim, evidenciando as produções artísticas contemporâneas, para que elas ganhem mais visibilidade. Por fim, com essa escolha, não deixamos de entender uma série de silenciamentos que a arte afro-brasileira passou ao longo da história.

Em uma pesquisa realizada em 2020, publicada na Revista Aurora, sobre os artistas negros mais citados em estudos de artes e artes afro-brasileiras, nenhum deles é sergipano ou aracajuano. Sendo a maioria das produções de pesquisas sobre artes visuais negras realizadas no sudeste do país. Segundo os autores:

Os dados revelam que a produção visual contemporânea de artistas negros ainda surge timidamente nas reflexões acadêmicas brasileiras, ainda marcadas pelo recorte antropológico, modernista e que procura preencher lacunas na história da arte brasileira e europeia ancorado aos suportes

tradicionais, tais como a pintura e a escultura (CARVALHO, F. O.; ASSUNÇÃO, M.; SILVA, K. P. DA, 2020).

Além desses pagamentos citados na fundamentação, há ainda o enquadramento da arte negra somente como Cultura Popular. Por exemplo, no texto “Artes plásticas em Sergipe: a história que precisa ser contada”, em que o autor explica, “em Sergipe não tem sido diferente. Até os dias atuais, há uma insistente dicotomia em que a cultura popular é mero folclore e a cultura europeia é erudita” (Da Cruz, 2010, p.218). Entretanto, pouco aborda e denomina a arte negra no estado. Por exemplo, não cita o primeiro museu afro do país, criado em Sergipe, em 1976, intitulado “Museu Afro Brasileiro de Sergipe”, na cidade Laranjeiras-SE.

Em Aracaju, são poucos espaços públicos artísticos da cidade, em que os artistas podem por meio de editais, cursos e seleções internas, podem apresentar suas obras, sendo estes: a Escola Oficina de Artes Valdice Teles, a Galeria Álvaro Santos, a Galeria J. Inácio, Centro Cultural de Aracaju, Galeria de Arte Sesc Cícero Alves dos Santos – Véio. Assim, diante da escassez de espaços de divulgação do seu trabalho, foi criado o FAVS- Fórum Permanente de Artes Visuais de Sergipe<sup>4</sup>, em 2023, com o objetivo de unir a classe artística visual em Aracaju. Entretanto, ainda não há um grupo ou um fórum específico para artistas negros na cidade ou no estado.

## **Metodologia e Análises**

Para realização da pesquisa, foi divulgado nas redes sociais um formulário de mapeamento em setembro de 2024, que ficou disponível por um mês. O formulário possuía um termo de consentimento livre e esclarecido, o qual explicava o funcionamento da pesquisa e seus objetivos. Para os quesitos raciais, foi utilizada a autodeclaração racial, no que consta a concepção do grupo negro no IBGE, relativa à junção de Pretos e Pardos. No mapeamento, foram coletadas informações de 14 artistas negros da capital aracajuana<sup>5</sup>, são eles: Aíla Omowale<sup>6</sup>, Aline Viana<sup>7</sup>, Davi Cavalcante<sup>8</sup>,

<sup>4</sup> FAVS, disponível em : <https://www.instagram.com/forumartesergipe/>. Nossa pesquisa tentou entrar em contato com o Fórum para divulgação do mapeamento, mas não obteve retorno.

<sup>5</sup> Na pesquisa, foi perguntado se o artista queria divulgar a página do seu trabalho. Seguem aqui as páginas inseridas em nota de rodapé por ordem alfabética. Acredito que, para além das análises, a divulgação das páginas de trabalho são necessárias para a visibilidade e possíveis futuras pesquisas.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/omowale.artes/>. Acesso dia 23 de abril de 2025.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/alinevianarte/> e @missanganapraia. Acesso em: 23 de abril de 2025.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.davicavalcante.com/>. Acesso em: 23 de abril de 2025.

Elias Santos<sup>9</sup>, Everlane Moraes<sup>10</sup>, Felipe Campos de Sousa<sup>11</sup>, Fillype Cruz dos Santos - Fillcolagem<sup>12</sup>, José Éverton Santos<sup>13</sup>, Luiz Mário Santos - Marinho<sup>14</sup>, Matheus Vinicius Vieira - Mavi<sup>15</sup>, Oliver Dantas<sup>16</sup>, Sabrina Silva<sup>17</sup>, Wécio Grillo<sup>18</sup> e Wendell Campos<sup>19</sup>. Entretanto, podemos entender que há muito mais artistas visuais negros em Aracaju no século XXI, mas que não se inscreveram no formulário dessa pesquisa.

A quantidade aparenta ser pequena, porém, o mapeamento trata somente de artistas visuais negros atuantes no século XXI e em Aracaju. Ademais, ao verificar o mapeamento do Projeto Afro, somente 5 artistas negros sergipanos foram mapeados, sendo eles: Arthur Bispo do Rosário, Davi Cavalcante, Michel de Oliveira, Horácio Hora e Lúcio Telles, desses 5, dois são aracajuanos, sendo eles Lúcio Telles e Davi Cavalcante — que participou do mapeamento desta pesquisa.

Em nosso formulário foram realizadas perguntas acerca da área de atuação nas artes visuais, dificuldades e desafios, tempo de experiência, composição da renda, tipo de trabalho artístico visual, entre outros. Entretanto, este artigo será focado somente nas análises e influências afro-diaspóricas presentes nas obras dos artistas. Outrossim, é preciso pontuar que as análises abaixo se baseiam apenas no que foi respondido no formulário, visando produzir uma análise imparcial acerca dos artistas mapeados no formulário.

As respostas sobre o trabalho artístico e as influências dos artistas indicam uma forte presença de temáticas afros e uma reflexão sobre a africanidade, tanto nas escolhas das técnicas quanto nos assuntos abordados nas obras. Entretanto, é importante notar que nem todos citam influências afro-diaspóricas, mas entendo a partir dos questionamentos de Stuart Hall que, “é para a diversidade e não para a homogeneidade

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/elias.santos.art>. Acesso em: 23 de abril de 2025.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://fernandaribas.com/talento/everlane-moraes>. Acesso em: 23 de abril de 2025.

<sup>11</sup> Disponível em: @lalatistattoo. Link não encontrado.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/fillcolagem/>. Acesso em: 23 de abril de 2025.

<sup>13</sup> Foi informado que o portfólio do artista estava em construção, infelizmente não conseguimos entrar em contato novamente para solicitar, mas deixo aqui uma reportagem sobre o artista por ser um link público, disponível em:

<https://redeglobo.globo.com/se/tvsergipe/giro-sergipe/noticia/giro-sergipe-revela-o-universo-do-artista-plastico-aracajuano-everton.ghtml>. Acesso dia 23 de abril de 2025.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/marinhopowerartestencil/>. Acesso dia 23 de abril de 2025.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/maviretrata>. Acesso dia 23 de abril de 2025.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/oliverdantasg/>. Acesso dia 23 de abril de 2025.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/sabrinasilva.artista/>. Acesso dia 23 de abril de 2025.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/weciogrilloproducoes/>. Acesso dia 23 de abril de 2025.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/wendellcampos/>. Acesso dia 23 de abril de 2025.

da experiência negra que devemos dirigir integralmente a nossa atenção criativa agora” (2013, p. 384-385).

Diversos artistas destacam a influência de temas afro-brasileiros e a africanidade como elementos centrais em suas produções. Um exemplo claro disso é o artista Felipe Campos de Sousa Carvalho, que trabalha com bandeiras e tatuagens, tendo suas obras diretamente ligadas à sua vivência no Candomblé. Ele utiliza esse espaço de expressão para representar temas como ancestralidade e as tradições afro-brasileiras, evidenciando uma conexão profunda com as raízes e práticas espirituais africanas.

Outro caso relevante é o do artista Wécio Bezerra Santos, que traz a capoeira como tema principal de suas obras, influenciado por Carybé, um artista que também se inspirou na cultura e nas tradições afro-brasileiras. Esse vínculo com a cultura negra é frequentemente refletido nas escolhas de cores, nas imagens de figuras negras e nas narrativas visuais que promovem um reconhecimento e valorização da cultura africana. Já para o artista Mavi, o qual utiliza da linguagem artística visual através da fotografia e dos retratos, define sua atuação através do desenvolvimento de trabalhos com olhar no viés negro, para ele “a importância de unir pessoas em ideais comuns é mobilizar, e é mobilizando que nos movimentamos e conseguimos ir além dos espaços que nos foram colocados até então”.

Outrossim, Wendell Ramos Campos, o qual produz obras de xilogravura, carrega em seu conteúdo pesquisas acerca de oralidade e ancestralidade. Ao mesmo tempo, no que tange a suas inspirações, Wendell se influencia por Elias Santos, artista negro sergipano que participou do nosso mapeamento, e Basquiat, o conhecido artista negro estadunidense. Dessa forma, seu trabalho reforça a conexão artística da diáspora africana, seja em Sergipe ou nos Estados Unidos, e como ela pode ser explorada. Da mesma maneira, o artista visual Marinho, a partir da técnica stencil, elabora produtos que representam personalidades negras afro-diaspóricas como forma de valorização cultural negra e de propagação da possibilidade de intelectualidade de pessoas negras em todo o mundo.

Vários artistas, como a Sabrina Silva, que trabalha com xilogravura e escultura, falam sobre suas obras como reflexões internas e também homenagens aos lugares e culturas que marcaram suas trajetórias. Embora suas influências não sejam explicitamente afros, o resgate da memória cultural e o reconhecimento das influências afro-brasileiras acabam permeando suas produções. Ao seguir semelhante linha de

raciocínio, o fotógrafo e ilustrador Oliver Dantas, desde a adolescência, utiliza suas influências musicais e vivências como homem negro como inspiração para suas produções artísticas. Assim como a artista e artesã Aline Viana, retrata que trabalha com representação da paisagem sergipana com a técnica do lápis de cor sobre papel. Suas influências são os artistas naturalistas e paisagistas que viveram no Brasil entre os séculos XVIII e XIX.

A presença do afrofuturismo também é uma influência marcante em algumas obras, como no caso de um artista, Fill Colagem, cuja arte busca representar projeções do futuro para o povo negro, trazendo temas de luta antirracista, masculinidade negra e poder nas narrativas negras. Essas obras se alimentam de símbolos africanos e se projetam para o futuro com uma mensagem de empoderamento e resistência.

Com base nos artistas que responderam ao formulário, foi possível observar uma heterogeneidade de produções artísticas negras e, concomitantemente, artistas multidisciplinares, com obras que conversam com diversas áreas. Isso acontece, por exemplo, com o premiado artista e curador, Davi Cavalcante, o qual agrega o uso da fotografia, performance, audiovisual, colagem, escultura, instalação, entre outras linguagens e suportes em seus trabalhos. Em suas obras, Davi explora o corpo e tudo aquilo que se conecta a esta matéria, sobretudo com referências a sentimentos, emoções e a memória.

Além disso, artistas como José Éverton Santos, com sua longa trajetória nas artes, desde 1968, e vivência no quilombo Caixa D'água. Expressa em suas obras a herança africana, conectando o presente com o passado e explorando as histórias de suas raízes africanas e quilombolas. O artista participou de importantes exposições em todo o Brasil, a exemplo da Bienal Internacional Afro Americana, de 1984 a 1998, ao lado de grandes artistas, entre eles Elias Santos. Éverton Santos, com sua filha Everlane Moraes, desenvolve um projeto de livro/catálogo sobre a sua trajetória e obra, além de uma exposição conjunta, que celebra o encontro entre pai e filha, as artes plásticas e cinema, abordando questões de ancestralidade e memória. Já Everlane Moraes é uma cineasta e artista negra visual. Ela atua como diretora, roteirista, professora e consultora, em que utiliza do audiovisual e cinema como forma de expressão, é membra da APAN - Associação de Profissionais Audiovisuais Negros (BR), produtora e criadora da Pàttàki Audiovisual e, recentemente, co-dirigiu a série “Histórias Impossíveis” na Rede Globo (2023).

Outrossim, o artista Elias Santos também possui uma longa trajetória nas artes visuais, datada desde a década de 1980. Ele não se rotula em nenhuma técnica, nem estilo. Seus trabalhos giram em torno de produções como esculturas, gravuras, desenhos e pinturas, e gosta de sempre emergir em novas experimentações na arte e pesquisa.

A artista criadora desta pesquisa, Aíla Omowale, trabalha com pintura e traz influências de candomblé, destacando figuras negras, suas vestimentas, estampas e suas vivências em uma perspectiva afro-brasileira. Esse trabalho não só reflete uma representação artística da cultura negra, mas também promove uma reflexão sobre identidade, pertencimento e resistência cultural. Assim, se baseia no argumento de Abdias Nascimento (2018, P.51), o qual entende que “Os orixás são a fundação da minha pintura. Para mim, a imagem e a significação que eles incorporam ultrapassam a simples percepção visual-estética – são a base de um processo de luta libertária dinamizado por ser amor e sua comunhão e engajamento”.

Por fim, as influências artísticas dos participantes são reforçadas pela pesquisa constante sobre oralidade, ancestralidade e técnicas mistas, que permeiam a obra de artistas que buscam uma relação direta e indireta com suas origens africanas, ressignificando o passado e criando novos significados para o futuro através da arte. Esses artistas não somente se influenciam por ícones e símbolos afro-brasileiros, mas também fazem um trabalho ativo de diversificação da arte negra brasileira e, como aqui denomino, “afro-aracajuana”.

### **Considerações Finais**

Ao evidenciar os artistas negros e suas produções, este estudo não só colabora para o reconhecimento e valorização do trabalho artístico, mas também promove um diálogo sobre a importância da arte negra para a sociedade. O mapeamento proposto pode servir de base para futuras políticas culturais que busquem promover a inclusão e a diversidade no cenário artístico local e nacional, além de estimular a criação de redes de apoio e promoção para esses artistas. Como também, esse artigo tem o objetivo de incentivar que mais pesquisas sobre artistas negros aracajuanos e sergipanos sejam realizadas, observando seus estilos, especificidades e se aprofundando em suas obras.

Esse tipo de iniciativa contribui para a construção de uma sociedade mais diversa, em que a arte negra, em suas múltiplas formas de expressão, seja vista e

reconhecida em sua plenitude, principalmente pelas políticas públicas culturais e nos estudos de artes. O artigo, portanto, visa não só recuperar as histórias e produções de artistas que, muitas vezes, ficam à margem, mas também trabalhar na construção de uma memória mais justa e representativa da arte negra brasileira, ao elencar a capital do menor estado brasileiro.

Reconhecemos, entretanto, as limitações desta pesquisa bem como que esse artigo compõe somente uma parte do projeto, visto que pretendemos realizar uma maior divulgação dos artistas e suas obras nas redes sociais e continuar a pesquisa de maneira mais aprofundada. Destacamos que o mapeamento online continua aberto para futuras inscrições e divulgações. Além do desejo de produzir um E-book sobre a temática. Assim, o EneCult 21 surge como um espaço fundamental para discussão da arte negra, sobretudo, no Nordeste, sendo o congresso um local de debate sobre estudos interdisciplinares em culturas, em que acreditamos que as discussões irão contribuir para o projeto.

### **Referência Bibliográfica**

ARAÚJO, Emanuel (Org.). *A mão afrobrasileira: significado da contribuição artística e histórica*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Museu Afro Brasil, 2010.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 339. São Paulo: Pós-graduação em Educação – Universidade de São Paulo, 2005.

CARVALHO, F. O.; ASSUNÇÃO, M.; SILVA, K. P. DA. A produção visual de novos artistas afrodescendentes no Brasil e reverberações na formação docente em artes visuais. *Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política*, v. 12, n. 36, p. 95–113, 2020.

CUNHA, Marianno C. da. *Arte Afro-brasileira*. In: ZANINI, W. (Coord.) *História Geral da Arte no Brasil*. Vol.2. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983. p.975-1033.

DA CRUZ, Antônio. *Artes plásticas em Sergipe: a história que precisa ser contada*. In: *ARTES VISUAIS SERGIPE CONEXÕES 2010*. 1. ed. rev. Sergipe: Sociedade Semear, 2010. v. 1, cap. 7, p. 217-249. Disponível em: [http://www.sociedadesemear.org.br/arquivos/20110118212255\\_livroconex%C3%B5essergipe-2010.pdf](http://www.sociedadesemear.org.br/arquivos/20110118212255_livroconex%C3%B5essergipe-2010.pdf). Acesso em: 8 abr. 2025.

DUARTE, Constância; NUNES, Isabella. *Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. 2.ED. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MUNANGA, Kabengele. A dimensão estética na arte negro-africana tradicional. Arteconhecimento. Tradução . São Paulo: Mac-Usp, 2004. . Disponível em: [https://biblio.fflch.usp.br/Munanga\\_K\\_ADimensaoEsteticaNaArteNegroAfricanaTradicional.pdf](https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_ADimensaoEsteticaNaArteNegroAfricanaTradicional.pdf). Acesso em: 20 abr. 2025.

MUNANGA, Kabengele. Arte afro-brasileira: o que é afinal? Parallaxe, v. 6, n. 1, p. 5-23, 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Abdias. Arte afro-brasileira: um espírito libertador. In: PEDROSA, A.; CARNEIRO, A.; MESQUITA, A.; MENEZES, H.; SCHWARCZ, L. (Org.). Histórias afro-atlânticas: antologia. São Paulo: MASP, p. 32-39, 2018.

OLIVEIRA, Alan. IMAGEM E ESTÉTICA DO PENSAMENTO RODANTE APLICADOS NAS ARTES VISUAIS AFRODIASPÓRICAS. Revista VIS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 175–186, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/article/view/54962>. Acesso em: 29 jul. 2024.

RODRIGUES, Nina. As bellas-artes nos colonos pretos do Brazil: a escultura · ICAA Documents Project · ICAA/MFAH. Disponível em: <https://icaa.mfah.org/s/en/item/1110427>>. Acesso em: 23 abr. 2025.

SANTOS, M. S. dos. O afro nas artes visuais : conceituação e abordagem em livros escolares de Arte, História e Cultura afro-brasileira e Indígena. MODOS: Revista de História da Arte, Campinas, SP, v. 6, n. 1, p. 51–81, jan. 2022.. Disponível em: <https://periodi-cos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8667606>.

VALADARES, Clarival do Prado. “O Negro Brasileiro nas Artes Plásticas”. Cadernos Brasileiros, no 47, p. 97-109, maio/junho 1968